

A formação docente do professor surdo: aproximações e distanciamentos com a identidade docente

Teacher training for deaf teachers: approaches and distances with teacher identity

DOI:10.34119/bjhrv4n2-011

Recebimento dos originais: 04/02/2021

Aceitação para publicação: 01/03/2021

Wanderson do Amaral Portilho

Mestrando em Educação Física – área de concentração: Formação Docente, currículo e cotidiano escolar – UFES – Universidade Federal do Espírito Santo – Manhuaçu-MG
Endereço: Rua Duarte Peixoto, 159 - Coqueiro – CEP: 36000-371
E-mail: amaral.portilho@gmail.com

Ana Paula Bernardi Portilho

Doutora em Educação Física, área de concentração: Formação Docente, currículo e cotidiano escolar – UFES – Universidade Federal do Espírito Santo – Manhuaçu-MG
Endereço: Rua Duarte Peixoto, 159 - Coqueiro – CEP: 36000-371
E-mail: anapaulabernardiportilho@yahoo.com.br

Adrielle Lopes Souza

Mestra em Educação Física - área de concentração: Formação Docente, currículo e cotidiano escolar – UFES – Universidade Federal do Espírito Santo – Manhuaçu-MG
Endereço: Rua Duarte Peixoto, 159 - Coqueiro – CEP: 36000-371
E-mail: adrielle.lopes@gmail.com

Alexander Medeiros Pascoal de Oliveira

Graduado em Educação Física área de concentração: Formação Docente, currículo e cotidiano escolar – UFES – Universidade Federal do Espírito Santo – Manhuaçu-MG
Endereço: Rua Duarte Peixoto, 159 - Coqueiro – CEP: 36000-371
E-mail: alexandermedeiros@gmail.com

RESUMO

Tem por objetivo evidenciar as dificuldades encontradas pelo aluno surdo dentro do contexto educacional, desde a escolarização básica até a graduação. O método utilizado foi um relato de experiência, enquanto acadêmico do curso de Educação Física, abordando aspectos marcantes desde o ensino fundamental até a entrada na faculdade e conclusão do curso. Conclui-se que é preciso maior sensibilização para o desenvolvimento dos alunos surdos, garantindo-lhes uma escolarização democrática.

Palavras-chave: Formação Docente, Identidade Docente, Surdez, Educação Física.

ABSTRACT

It aims to highlight the difficulties encountered by the deaf student in the educational context, from basic schooling to graduation. The method used was a report of experience, as an undergraduate student of Physical Education, addressing striking aspects from

elementary school to college entry and completion of the course. We conclude that it is necessary to raise awareness for the development of deaf students, ensuring them a democratic schooling.

Keywords: Teacher Training, Teacher Identity, Deafness, Physical Education.

1 INTRODUÇÃO

A surdez é uma privação sensorial que afeta diretamente a linguagem humana, sua perda vai de leve a profunda, sendo a última aquela que faço parte. Sou surdo bilateral profundo, usuário da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), língua essa oficializada pela lei 10.436 (BRASIL, 2002). Hoje temos surdos ocupando lugares em concursos públicos e muitos outros ingressando a carreira acadêmica.

Mediante a estes fatos emergem algumas questões: de que modo acontece o processo de escolarização dos surdos, de forma que que lhes gere um potencial para que eles alcancem o ensino superior; e também, em decorrência destes elementos, questiona-se como se processa a construção da identidade docente do professor surdo?

Apesar de existirem alguns estudos (LANE 1992, SKLIAR 1999) que evidenciam a importância da narrativa surda na formação do professor surdo, estes estudos de forma geral trazem o olhar do pesquisador ouvinte sobre o processo de formação do professor surdo. Assim, nossa intenção é, a partir da atividade reflexiva do próprio sujeito da formação, evidenciar como o professor surdo se relaciona com o saber ao longo da sua formação, alcançando sua experiência de formação (CUNHA, 2009).

Nesse sentido, o processo de formação do professor começa muito antes da formação inicial, compreendendo todo o processo de escolarização. Neste relato se torna importante evidenciar desde as minhas primeiras vivências do processo de escolarização na educação básica, passando pela transição entre a escola especial e a escola regular, bem como as experiências advindas com a ingresso no ensino superior. Didaticamente, dividiremos o relato em três momentos distintos e complementares. Primeiramente, resgatamos os primeiros anos de escolarização na escola especial APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, bem como do processo de transição entre a escola especial e a escola regular.

No segundo momento, traremos à tona os elementos que caracterizaram o momento de escolha pela profissão, os conflitos quanto a condição de exercício profissional da pessoa surda e por fim, abordaremos o processo de formação docente em

educação física, destacando as diferenças entre a educação básica e a educação superior para um aluno surdo, apresentando as vivências relativas as diversas disciplinas e sua repercussão na percepção de necessidade de construção da identidade docente até chegar aos estágios, momento de exercício da docência, mesmo que de forma experimental.

A proposta do presente artigo não é simplificar a minha trajetória de formação enquanto sujeito surdo, mas evidenciar a minha percepção acerca das experiências e dificuldades que passei durante o período de escolarização até a conclusão do curso de Educação Física.

É importante frisar que aqui estão embutidos sentimentos, reflexões, memórias. Portanto, ocupo lugar de autor e protagonista, assumindo o papel de pesquisador e ao mesmo tempo de objeto de estudo, de modo que analiso e consigo compreender todo o processo de formação que passei para tornar-me professor. Assim, como afirma Almeida (2012) o maior drama dos surdos é a incompreensão da sociedade, que vê como deficiente quando na verdade só há apenas diferenças na comunicação.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, onde o sujeito em formação, a partir de alguns instrumentos, busca transformar a própria trajetória (a própria prática) em objeto de investigação. Conforme a perspectiva de Dyniewicz (2009) ao afirmar que este tipo de metodologia se configura como uma observação sistematizada sobre a realidade em que o pesquisador se encontra. De modo que neste tipo de trabalho não há necessidade de se testar hipóteses, porém, é postulada uma correlação entre o que foi observado a partir dessa realidade instituindo um diálogo com as bases teóricas.

O sujeito em formação é, assim, convidado a, em um primeiro momento, desenvolver uma auto-narrativa (CUNHA, 2009). Desta forma, tendo em vista as dificuldades do indivíduo surdo com a língua portuguesa em suas formas falada e escrita, a presença do intérprete foi crucial para a materialização da expressão da Libras em texto, passível de análise pelo grupo. Nesse sentido, “*ao escrever sua história, narrar-se, tornar-se, descobrir-se autor de sua vida da dimensão formativa da narrativa, potencializa ao acadêmico a reconstrução do significado de sua profissão*” (OLIVEIRA e PEREIRA, p. 13568)

Uma vez materializado o texto, o sujeito em formação é novamente convidado a olhar para si a partir da produção escrita e identificar nesta escrita os elementos que pouco

a pouco às vezes aproximam, às vezes distanciam daquilo que chamamos de identidade docente.

A escolha das narrativas teve como critério a singularidade de seus conteúdos: fragmentos de memória que ao serem narrados recriam sentidos e produzem significados para a escolha profissional. A narrativa pode ser construída a partir das memórias de fatos passados, ao recordar, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história (OLIVEIRA e PEREIRA, 2020, p. 13566).

Diante disso, na condição de acadêmico concluinte do curso de Educação Física da Faculdade do Futuro, relato minhas experiências durante a toda a minha escolarização básica até a conclusão da graduação. Apresentando uma reflexão sobre esse processo até tornar-me professor.

Conduzir ou orientar tal processo não foi um processo livre de tensões, a necessidade de distanciamento do objeto para permitir que tanto o relato, quanto o juízo que se fazia dele fossem o mais próximo possível da realidade exigiu do grupo um esforço extra em relação aos cuidados com o processo investigativo.

A própria maneira como optamos por trazer à tona o relato, pode parecer em um primeiro olhar, um tanto confusa, visto que, ora optamos por trazer o relato do pesquisador surdo em primeira pessoa e ora optamos por trazer a tona as reflexões necessárias acerca de determinados elementos que emergiram no processo.

O próprio trato com a produção escrita se mostrou um desafio tanto para o pesquisador surdo quanto para os demais pesquisadores, visto que para o primeiro havia o desafio de se expressar fora de sua língua materna e para os demais havia o desafio de não exigir que o texto tivesse o sentido esperado, alterando-o, mas ao mesmo tempo, buscando conferir-lhe certa organização gramatical e semântica que lhe permitisse ser compreendido por quem o lesse mas preservando-lhe o sentido atribuído em sua origem.

Dessa forma, ora o texto dá voz ao próprio pesquisador surdo, trazendo seu relato, de forma a permitir que outros pesquisadores façam outras análises e ora o texto é objetivo de análise, trazendo a tona nossas próprias interpretações

3 DESCRIÇÕES, RESULTADOS, INTERPRETAÇÕES...

Iniciei meus estudos aos seis anos, quando da inserção de todos os alunos com deficiência nas APAES neste período de 1997 a 2003 não possuímos uma instrução primária em nossa primeira língua, a LIBRAS, língua materna da pessoa surda.

A Educação de surdos era uma utopia, por não permear um ensino voltado às necessidades e peculiaridades desse sujeito. A prática dos professores não era consistente para garantir um ensino de qualidade e inclusivo, o que sempre existira era a boa vontade dos professores na transmissão da tentativa de transmitir ideias de alguns sinais isolados, que não favoreciam uma aprendizagem contextualizada em Língua de Sinais. Por isso precisava de uma instituição que atendesse as minhas limitações na comunicação, através da língua de sinais como minha primeira língua, natural.

No ano de 2004 ingressei na Escola Faculdade do Saber uma rede particular de ensino onde cursei a 4^o série, e este foi meu primeiro contato com crianças ouvintes numa mesma sala de aula onde tive a presença do professor e do intérprete de LIBRAS. Nessa mesma sala tive oportunidade de estudar com três amigos surdos que estudaram comigo na APAE.

Nessa escola pude aprender a estrutura da língua de sinais e seus conceitos linguísticos, desenvolvendo assim a escrita da língua portuguesa com o apoio do intérprete de libras, com a presença do mesmo pude fazer muitas perguntas e questionamentos sobre a forma de aprendizagem já que o meu campo visual é bem explorado, algumas disciplinas precisavam adaptar didaticamente buscando reforço visual.

Um ano depois ingressei na rede pública de ensino, na Escola Estadual Salime Nacif, onde cursei do 5^o ao 9^o ano, presença constante do intérprete de libras, tive dificuldade de me relacionar com alunos e/ou colaboradores da mesma, conhecia a língua de sinais e o processo da modalidade escrita da língua portuguesa e mesmo assim ainda não conseguia me comunicar dentro da escola, onde contava sempre com a tradução simultânea desse profissional. Fiz grandes amizades nessa escola, todos me conheciam, por isso foi difícil ter que sair de lá para cursar o ensino médio em outra escola.

Em 2010 dei início ao ensino médio na Escola Estadual de Manhuaçu, minha mãe me levou com o intuito de tratar dos meus direitos como surdo e reivindicar a presença do Tradutor Intérprete Língua de Sinais - TILS. Quando entrei na sala a primeira aula era de português, fiquei 50 minutos olhando as pessoas interagindo com a disciplina e o professor tentando me explicar mostrando a palavra no quadro e sinalizando para mim o tempo todo perguntando se eu estava entendendo a matéria, foi muito desconfortável para mim aquela situação.

Cheguei a estudar seis meses nessa escola sem a presença do intérprete, não por incompetência da escola, mas porque a demanda desse profissional ainda é escassa. Tive

muitas dificuldades durante a minha escolarização por causa da dificuldade com a linguagem. O acolhimento da escola anterior acabou por contrastar com as dificuldades nesta escola, o que por vezes representa um distanciamento em relação ao processo de formação escola.

A partir desta realidade de formação da Educação Básica a escolha profissional não foi um processo tranquilo e fluído, pelo contrário, quando se vive no interior, temos que lidar com a oferta de cursos disponíveis e nem sempre escolhemos a profissão com a qual nos identificamos. Pode-se dizer que esta realidade foi um pouco agravada pela condição de surdo, o que conferiu dificuldades extras ao processo. Nesse sentido, mesmo que haja identificação com áreas de atuação ligadas ao direito, engenharia, medicina, as próprias pessoas do círculo de convívio social questionam a capacidade do surdo de se comunicar de forma eficiente nestas áreas de atuação. Assim, a escolha pela licenciatura em educação física se deu, em parte, pela tranquilidade de saber que, na escola haveria condições mínimas que garantissem a atuação profissional. A escolha pela educação física, também se deu por alguma aproximação com as práticas corporais, neste caso a ginástica de academia, o que encontra aproximações com o exposto por (OLIVEIRA e PEREIRA, 2020)

A escolha da profissão está ligada à motivação gerada pelos significados e valores atribuídos aos diversos fatores envolvidos no processo de escolha: às experiências sociocorporais vividas durante toda a vida do sujeito principalmente as vivenciadas dentro da escola (OLIVEIRA e PEREIRA, 2020, p. 13569).

Iniciei a trajetória acadêmica em 2013 no Curso de Educação Física na Faculdade do Futuro situada em Manhuaçu-MG, onde tive a oportunidade de passar pela experiência como o primeiro aluno Surdo a cursar o nível superior da minha cidade e região. Todos os outros surdos que iniciaram o ensino fundamental comigo já havia desistido e abandonado à escola. Ter sido o primeiro surdo a ingressar no ensino superior também fez com que fosse o primeiro a encontrar as barreiras para a inclusão.

Neste processo, muito professores do ensino superior nunca tinham trabalho com alunos surdos, não conhecendo minhas características e minhas necessidades. Ocupar este lugar me reforçou a necessidade de sempre reivindicar meu lugar, seja na forma como o professor planeja, ensina e avalia, o que também não é simples, pois exige não só um posicionamento próprio como também exige do outro um comprometimento maior.

O abandono do processo de formação ocorreu com frequência bastante alta no meu círculo social, por vezes, a sensação era que alguns haviam sido vencidos pelas barreiras presentes no caminho e que cabia a mim continuar transpondo ou por vezes contornando as barreiras para a continuidade do processo de formação.

Isso acontece com a maioria dos surdos durante a caminhada árdua de ensino que muitas das vezes se torna solitária e pesada. Mas, sempre me mantive firme e persistente durante toda a trajetória acadêmica, mesmo com muitas barreiras linguísticas e falta de preparo de alguns professores, mantive o foco nos estudos com o intuito de me tornar um profissional da educação.

A partir de algumas evidências, é possível identificar que os (as) alunos (as) surdos (as), quando perguntados (as) sobre como se sentiam estudando com os (as) ouvintes, quase a totalidade deles (as) afirmou que tal situação exige muito sacrifício, paciência e esforço, o que se contrapõe ao objetivo fundamental da educação inclusiva, de acolher todas as diferenças em ambientes que proporcionem uma educação de qualidade para todos (as) (PEDREIRA, 2007, p. 3).

De forma geral, a graduação transcorreu com certo equilíbrio, visto que sempre tive a presença do intérprete e que a IES na qual estudei forneceu certa estrutura de acolhimento, até mesmo com acompanhamento psicológico, que em alguns momentos foi necessário. As disciplinas em si, desconsiderando as dificuldades de comunicação, não foram de grande dificuldade, sendo que consegui passar por elas sem reprovações.

A segunda metade do curso me tirou novamente da “zona de conforto”, uma vez que era chegado o momento de realizar os estágios obrigatórios. Este momento foi gerador de certa ansiedade, visto que novamente teria de retornar à escola, onde as vivências nem sempre foram de acolhimento. Esta ansiedade foi diminuída em parte pela possibilidade de cumprir meu Estágio com um professor que também era docente no curso de formação, o que trouxe certa segurança para assumir este novo lugar na escola, o lugar de professor em formação.

Este período, pode ser definido como o mais significativo do processo de formação e que me proporcionou um crescimento muito importante, de forma que permitiu aproximações com o que mais tarde, compreendi como a identidade docente principalmente durante o estágio obrigatório II nas séries iniciais do ensino fundamental I.

Um dos meus maiores desafios foi explicar para os alunos a parte teórica dos conteúdos das aulas de Educação Física, ou dito de outra forma, instruir em relação ao

que e como deveria ser feito nas tarefas da disciplina. embora tivesse o apoio do intérprete de LIBRAS e do professor regente, as crianças não estavam acostumadas com professor surdo então elas não sabiam para quem olhar se era para o intérprete (de onde saíam as palavras, o som) ou para mim que estava ministrando as aulas a partir da Língua de sinais.

No princípio achavam engraçado e riam, não por maldade, mas por terem frente a eles alguém fazendo gestos e expressões que lhe eram estranhos. Em um destes episódios, em uma turma do 4º ano do ensino fundamental ao iniciar a aula com as explicações sobre o conteúdo e as expectativas de aprendizagem, alguns alunos começaram a rir dos gestos, o que estava prejudicando o processo de comunicação e gerando certo constrangimento, até que um dos alunos da turma interviu e pediu que os alunos parassem, o que chamou a atenção foi a forma e as palavras usadas por ele: *“gente, vamos parar!?! Vocês não estão vendo que o professor não tem experiência?”*. Este ato do aluno passou despercebido em um primeiro momento, mas a auto-narrativa o trouxe a tona, de forma a me permitir ressignificá-lo. Ao fazê-lo, foi possível identificar que não foi minha condição de surdo que ficou em evidência naquele momento, mas sim minha falta de experiência, de alguma maneira me senti mais professor naquele momento.

Com o tempo, devido à minha expressão gestual, facial e corporal bastante desenvolvida, os alunos melhor me compreendiam. Quanto a ser um pesquisador, teóricos como, Nóvoa (2002), Veiga (2002) Pimenta (2001) compartilham a ideia de que durante o estágio o docente adote sua prática como objeto de constante investigação no intuito de melhorá-la, de transformá-la e de se transformar no próprio processo de ação-reflexão-nova ação. O estágio me proporcionou uma experiência marcante, pois coloquei em prática a teoria e a vivencia de três anos de estudos. Segundo Pimenta (2001) o estágio não é um momento de receitas prontas ou imitação de modelos, mas de reflexão sobre as situações da sala de aula para tornar-me um bom professor.

Conforme Cunha (2009) o bom professor é aquele que busca seu conhecimento, que tem preocupação em sua postura, seu relacionamento com alunos e com as pessoas que trabalham na escola. Além de se preocupar consigo é preciso olhar para seus alunos, conhecer cada um deles e envolve-los com conhecimento, ampliando-os e motivando-os nessa busca.

Corroborando com as reflexões trazidas durante esta experiência, Pimenta e Lima (2009, p.112) nos dizem que A identidade se constrói com base no confronto entre as teorias e as práticas, na análise sistemática das práticas à luz das teorias, na elaboração de teorias,

o que permite caracterizar o estágio como um espaço de mediação reflexiva entre a universidade, a escola e a sociedade. (PIMENTA E LIMA, 2009, p. 112).

Portanto, me identifico como professor surdo em formação que busca contribuir para o desenvolvimento dos alunos independente das barreiras linguísticas que possam existir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que diante de todas as dificuldades enfrentadas por um aluno surdo durante seu processo de escolarização básica até a conclusão da graduação é imprescindível que o sistema educacional tenha maior sensibilização ao considerar a adequação das instituições para o desenvolvimento dos alunos surdos, garantindo lhes uma formação pautada no bilinguismo e a difusão da Libras no âmbito escolar e acadêmico.

Paralelamente, o processo de construção de uma identidade docente pode se encontrar facilitado ou dificultado independente da condição de ouvinte ou não, embora seja necessário dar maior atenção aos processos de comunicação entre os personagens do processo de formação docente, sejam eles professores ou alunos.

Também se torna necessária uma maior compreensão acerca da importância da língua materna no processo de comunicação, de forma que o surdo não seja o único indivíduo a ter de se adaptar e aprender para a vida em sociedade, mas sim, que o trato com a diversidade possa permitir a todos o desenvolvimento e o aprendizado, assim, outros surdos terão maior acesso ao ensino superior além de garantir que o processo educacional seja de fato inclusivo e democrático.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. O. C. **Leitura e surdez**: um estudo com adultos não oralizados. Rio de Janeiro: Revinter, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Especial**. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. São Paulo: Papirus, 2009.

OLIVEIRA, Marta Regina Puhl de; PEREIRA, Neiva. Memórias da educação física escolar e escolha do curso de graduação. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 5, p. 13565-13577, 2020.

DYNIWICZ, A. M. **Metodologia da Pesquisa em Saúde para iniciantes**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009.

LANE, H. **A máscara da benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

NOVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa/Portugal: Educa, 2002.

PEDREIRA, S. M. F. **Porque a Palavra não adianta**: Um Estudo das Relações entre Surdos/ as e Ouvintes em uma Escola Inclusiva na perspectiva intercultural. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2006.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na Formação de Professores**: Unidade Teoria e Prática? 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**: questões e propostas. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SKLIAR, C. (org). **Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos**. Vol. 1. Porto Alegre: Mediação, 1999.

VEIGA, J E. **Cidades Imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2002.